

Cartelandos:

Andrea Rôa d'Haese  
Bárbara do Carmo N. Gonçalves  
Dayse Stoklos Malucelli  
Jane M.M. de Carvalho  
Sara Soriano

**Bendita são paredes que contornam o nada criando vazios.**

“Falar é uma necessidade, escutar é uma arte” Goethe

Falar com as paredes... quantos sentidos se abrem a isso, mas também o grande perigo é de cada um fechar-se em si mesmo. Falar com as paredes pode ser sair do sentido substantivo e se desdobrar N vezes no verbo sentir acionando outros mundos. Segregar o sentido comum das palavras e suspender os seus sentidos dispõe nossos orifícios ao encontro de sentidos. A experiência psicanalítica nos possibilita a partir do tropeço, espanto e equívoco imergir no fora do sentido, “não-sabido” que se sabe.

Falar com as paredes abre a possibilidade da escuta e de sentir na carne o eco da nossa própria voz que em algum intervalo entre espaço/tempo a análise nos proporciona.

Desfrutar deste lugar é nos dispor a ampliar a boca, os olhos, mais ainda os ouvidos. Ter a coragem de falar e fazer jus ao grito primordial de apelo que um dia fizemos como o germe de desejo de vir a ser, é arriscar-se ver o mundo com suas magnânimas cores e não recuar quando elas insistirem em borrarem-se em inúmeros tons de cinza, é suportar notas dissonantes para também escutar a harmonia dos pássaros, das flores, das folhas e dos ventos e, ainda cultivar ouvidos ocos plenos de silêncio para então neles ressoar o sentido Outro e ao mundo propagar a herança do humos humano do bem dizer.

Lacan não falava nem escrevia para ser compreendido, mas se fazia presente pela sua posição analisante, e reconhecia-se suficientemente faltante para saber não haver analisante sem analista e tão pouco analistas sem analisantes, por isso primava por cercar-se de  $\bar{A}$ -muros construídos de paredes do material Outro que se recusam escutar o sentido clichê das palavras, mas insistem em vibrar calando fundo o sujeito. No início do seminário 20, comenta que transmite na posição analista, mas sua fala parte de sua posição analisante, indicando a importância da dança e do movimento discursivo, uma vez que é entre passos e entrelinhas que a agulha do real nas mãos da fantasia vai bordar a verdade do inconsciente para que o espetáculo continue.

Entramos em uma análise partindo do reconhecimento da ignorância, impulso que propulsiona o folego para insistir em alguma palavra a mais em busca do bem dizer tecendo margens que nos conduzem a verdade do impossível do saber. Esta via nos coloca frente ao mal estar de que cada vez que julgamos saber, falseamos – não sem dor- e nos deparamos com o não saber, um saber que sempre escapa ao todo. Portanto transpor a fantasia é marcar encontro com a infinitude do saber não sabido delatado pela verdade que tem como fonte a impotência de tudo dizer e saber, marcada pela castração. O fato é que a verdade fala, mesmo mentiras uma vez que a ficção é seu único meio de expressão, ela insiste em se fazer escutar e assim como Eco, que no intervalo de suas repetições persistia em demonstrar a Narciso o quanto o amava; a Verdade persevera em dizer de seu amor ao sujeito.

Narciso ensimesmado não pode escutar Eco para além dito repetitivo, não soube ser anteparo para que o som reverberasse e pudesse revelar na hiância o amor a ele ofertado. Narciso nada sabia da falta, sabia-se pleno de beleza e

certo de saber, não havia em si espaço para abrir-se ao mundo, ao Outro. Portava em seu ser a paralisia da morte.

Os ditos afinados do analisando produzem ecos que se alojam no vazio do corpo do analista ressoando em paredes circundantes para então retornar ao berço oco de sua origem e quiçá produzir seus efeitos.

Fazendo um paralelo a isso, Lacan indagava-se sobre a incompreensão de seu ensino e se realmente estava falando com alguém. Conclui em seu texto que fala aos muros e que estes muros fazem repercutir alguma coisa e que sua fala talvez interessasse a alguém, além de lhe devolver o eco de sua própria voz dirigida e sintonizada com os muros. Continua seu pensamento afirmando: - “não há um entre vocês que me entenda no mesmo sentido, e me esforço para que este sentido não seja facilitado, para que vocês tenham que entrar com o seu, que é uma secreção saudável e até terapêutica” (P.85). Tomar o sentido do Outro como verdade absoluta inviabiliza a subjetivação de nossas próprias faltas, precariza a habilidade de transitar pela incompletude e acabamos com isso criando um solo estéril sob nós, onde não há canção, poesia nem flores.

No vai e vem de ditos e dizeres, existe a possibilidade do trânsito entre o semblante (agente), o gozo (outro), o mais de gozar (produto ou perda) e a verdade construir discursos e enlaces que arquitetem até mesmo castelos para que em seus vazios, cada um possa criar sua própria dança. É pela linguagem que o homem crava a falta e viabiliza o testemunho da presença do real na raiz do seu discurso.

Muros podem-se abrir a uma infinidade de sentidos: paredes, cercas, espelhos e neles podemos escrever poesias, ecoar músicas, plantar flores, nos ver feios ou belos, magros ou gordos, neles podemos brincar de equilíbrio nas

suas bordas, como também pular e ultrapassá-los e nos aventurar por mundos desconhecidos onde podemos flutuar ou andar até nos dar conta de que precisamos novamente reencontrar o círculo estruturante que nos dá segurança e aconchego.

O tudo e o nada são angustiantes, não há falta. No Tudo não há espaço, não há entremeio, não há ar, não se respira, no Nada tudo pode porque seu espaço é infinito, não há bordas, não há contenção para a imensidão, só se aspira, tudo ou nada são a morte; só há sobrevivência se houver anteparos de acolhimento. Para a existência humana ser assegurada precisamos da arquitetura de vazios, espaços contornados pela linguagem para criarmos a natureza e nela implantar nossos corpos, florestas, rios, montanhas, animais, amigos, amores e a arte.

Cada sujeito necessita aprender escrever em suas próprias e por vezes assustadoras paredes brancas, necessita inventar seu próprio dicionário para com letras tecer uma íntima rede onde possa descansar seus sonhos e então desejar criar uma canção em que cada delicada nota transmita dizeres que liberte as palavras até então trancafiadas e as transforme em poemas.

PsicanalisAR, é d'isso que se trata, pois enquanto vivermos a nossa análise será nosso porto seguro para criar o novo, propagar a arte e a vida.

O espaço analítico é uma estrada que pode fazer o sonho acontecer, ... Será isso o A-mur, amour, amor? Abro a questão...

Mas como alerta Lacan; isso não acontece em qualquer esquina!